



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — **Dr. Manuel Marques dos Santos**
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — **Padre Manuel Pereira da Silva**
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

GRANDIOSA ROMAGEM DA RELIGIÃO E DA PATRIA

EM FÁTIMA — NA BATALHA — EM ALJUBARROTA

A Cruzada Nun'Alvares e o Santo Condestavel

Trabalhos preparatórios — A Cooperação oficial — Os confrades de S. Vicente de Paulo
Peregrinações do Pôrto, Funchal, Guarda, Aveiro,
Rogel (Mafra), Colmeias, etc.

A prestimosa e benemérita Cruzada Nacional Nun'Alvares Pereira, em cuja presidência de honra está investido o ilustre e venerando Presidente da República e que reúne no seu seio os maiores valores da Nação e as figuras mais representativas de todas as classes, resolveu tomar a nobilíssima iniciativa de promover para os dias 13 e 14 de Agosto passado uma grandiosa romagem nacional, de carácter religioso e patriótico, ao santuário da Religião em Fátima e aos santuários da Pátria na Batalha e em Aljubarrota, com o duplo intuito de implorar a protecção divina para Portugal e de contribuir com a sua quota parte para a indispensável reconciliação da família portuguesa.

No meio das lutas fratricidas que nos últimos anos tantas vezes têm ensanguentado o solo da nossa querida Pátria, aquela simpática colectividade ergue bem alto o seu pendão de paz, e convida todos os seus filhos a unirem-se em torno do herói e santo, o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que, no dizer do grande escritor Oliveira Martins, é a mais pura consubstanciação da alma nacional. Firmemente empenhada em conseguir tão elevado objectivo, a sua zelosa e activa direcção não se poupou a esforços e canceiras para que a homenagem projectada revestisse uma grandiosidade e um brilho incomparáveis e assumisse as proporções de uma verdadeira apoteose.

Desde o primeiro momento o governo da República aderiu à patriótica iniciativa, facilitando a execução dos diferentes números do programa das comemorações festivas e prometendo assistir ou fazer-se representar em todas elas.

Uma circunstância providencial veio contribuir em larga escala para que a imponente manifestação de Fé e de patriotismo tivesse um cunho acentuado de piedade e fervor.

O Conselho Particular das Conferências de S. Vicente de Paulo, de Lisboa, tinha decidido promover para o dia 13 de Agosto uma peregrinação dos membros dessas beneméritas ligas de caridade da capital ao venerando santuário da Lourdes Portuguesa. E, como muitos vicentinos são simultaneamente sócios da Cruzada Nun'Alvares, era altamente comovedor presenciar o espectáculo da perfeita união de vistas e íntima confraternização das duas instituições na

efectivação do programa das festas.

Presidiam aos trabalhos de organização por parte da Cruzada, os srs. capitão Afonso de Miranda, capitão Francisco de Castro, tenente Moreira Lopes, dr. Costa Lobo, dr. Ferreira Deusdado, tenente-coronel Costa Veiga, dr. António Rodrigues da Silva, Manuel Itigoso, Luís Monteiro Marques, dr. Vicen-

nos, cuja piedade sincera, viva e profunda edificava todos os outros peregrinos.

Os membros da Cruzada, em número de cem, partiram de Lisboa no dia 12 em carruagem atrelada ao comboio das 9,30 da manhã, e os sócios das Conferências em carruagens atreladas ao comboio das 2,30 da tarde. Com os vicentinos foi a Fátima o rev.do dr. Francis-



13 de Agosto de 1928 — Volta da Imagem de Nossa Senhora, levando o andor membros da Cruzada Nun'Alvares

te Esteves Cardoso, dr. Sarmiento Brandão e dr. Hermínio Sarmiento.

Auxiliou a Cruzada nos seus trabalhos uma comissão de senhoras presidida pela sr.ª D. Beátriz Arnaut que foi incansável. Faziam parte dessa comissão as sr.ªs D. Maria da Piedade da Costa Pessoa Alçada, M.me Rodrigues da Silva, D. Joana Xavier, D. Elisa de Lourdes Mesquita, M.elle Gouveia Pinto, D. Conceição Pizarro Soto Maior Ferreira, D. Ilda Maria do Carmo Nunes Pereira e D. Alzira Veloso.

A romagem fez-se, desde a partida da capital, com verdadeiro espírito de peregrinação, tendo sido rezadas durante o percurso as orações do costume.

O mesmo sucedeu com a dos vicenti-

co Rodrigues Cruz, o santo doutor Cruz.

Do Porto, organizada pela Congregação das Filhas de Maria do Bomfim e sob a direcção do rev.do pároco Abílio Cardoso Pinto da Cunha e do rev.do Matos Soares, partiu à 1 hora da tarde de Domingo, um comboio especial com seiscentos peregrinos e vinte doentes, que chegaram a Leiria às seis horas e que em camionettes se dirigiram para Fátima, onde tomaram parte na procissão das velas.

Do Funchal, da Guarda, de Aveiro, Rogel (Mafra), Ovar, Arada, S. Cosme de Gondomar, Vermelha e Peral (Cada-val), e ainda de muitos outros pontos do país, vieram também luzidas e mais ou menos numerosas peregrinações.

Na véspera á tarde — Mais de 150.000 peregrinos — A adoração Nacional — Alocução do Senhor Bispo de Beja — A hora da adoração da Peregrinação das Colmeias.

Ao apelo caloroso e entusiástico da direcção da Cruzada, que como um toque de clarim ressoou por todo o território nacional, acorreram a Fátima milhares e milhares de peregrinos.

Por sua vez o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, tinha dirigido a todo o clero e fiéis da sua diocese uma circular, apoiando a iniciativa da Cruzada e convidando os seus diocesanos a realizarem a dupla romagem da Fé e do patriotismo. No dia 12 à tarde já pisam o solo bendito da Cova da Iria mais de 150.000 portugueses abraçados no amor da Religião e da Pátria.

As dez horas uma grande multidão enche o vasto anfiteatro do local das aparições. Fazem-se os últimos preparativos para a procissão das velas.

De repente acendem-se milhares de luzes. A multidão, que se concentra em frente do pavilhão dos doentes, reza em cântico o terço do Rosário. Rezado o terço, um longo cortejo luminoso desenrola-se durante cerca de duas horas através do recinto sagrado, levando à frente o estandarte da Cruzada Nacional de Nun'Alvares, enquanto milhares de vozes cantam em cântico alto o «Ave de Fátima».

O rio de fogo vai agora juntar as suas vagas em torno da capela das missas. Junto do altar estão os senhores Bispos de Leiria e de Beja, rodeados de um grande número de eclesiásticos.

Numa voz poderosa e vibrante, a multidão faz a sua profissão de fé, cantando o *Credo*. É meia-noite. Começa a adoração nocturna do Santíssimo Sacramento. Sob o púlpito o ilustre Prelado Pacense. Reza-se o terço. No princípio de cada dezena o venerando Antístite faz uma prática cheia de salutar ensinamentos, aplicando cada mistério em reparação das grandes faltas de Portugal. Fala das ofensas feitas a Deus, à Pátria, às crianças, às famílias, aos indivíduos. Refere-se à imprensa católica e à necessidade de a auxiliar. Verbera os excessos das modas e o laicismo, que considera como um pecado social. Diz que é preciso cristianizar as leis, as escolas e os costumes. «Estamos aqui em

desagravo e reparação nacional pelas ofensas feitas a Deus na nossa Pátria. E' pela expiação e reparação que as nações se levantam. Oremos pelo nosso querido Portugal...

A hora de adoração da peregrinação do Porto é feita juntamente com a Adoração Nacional, da meia-noite à uma, e veio a estender-se até às duas horas, coincidindo com a dos vicentinos. A adoração continuou até às cinco horas, sendo adoradores das duas às três os peregrinos de Colmeias e das três às quatro os de Ovar, Arada, Gondomar e outros. Em todos estes actos de piedade toma parte uma delegação da colónia de férias do Seminário de Coimbra, vinda de Buarcos, e vários professores e alunos dos Seminários de Santarém, Leiria, Gavião e Sernache do Bomjardim.

Após a primeira hora de adoração colectiva, teve a sua hora de adoração privada a peregrinação da freguezia de Colmeias, diocese de Leiria.

A peregrinação paroquial de Colmeias, num total de cerca de 1.500 pessoas, presidida pelo respectivo pároco, rev. do João Maria d'Assis Gomes, assistiu na igreja da freguezia a um tríduo de preparação, que terminou com uma comunhão geral no Domingo anterior.

Os peregrinos fizeram todo o percurso, que é de seis léguas, a pé, rezando o terço e cantando vários cânticos. As cinco horas fez-se a encerração do Santíssimo Sacramento e às seis horas celebrou missa o Senhor D. José do Patrocínio Dias, começando também a ser administrada a Sagrada Comunhão por dez sacerdotes durante cerca de uma hora comungando até ao meio dia mais de sete mil pessoas.

Duzentos e cinquenta doentes — A procissão com a imagem de Nossa Senhora do Rosário — A missa solene e a bênção do Santíssimo Sacramento — O sermão do Senhor Bispo de Leiria — A procissão final

Passa-se toda a manhã em missas, confissões e comunhões. Às nove horas a peregrinação das Colmeias assiste à sua missa privada, tendo a ela comungado quasi todos os peregrinos. Os servitas transportam doentes para o Posto das verificações médicas e para o Pavilhão reservado. No Posto trabalham vários médicos, entre os quais os drs. Pereira Gens, director do Posto, Gabriel Ribeiro, de Lisboa, Figueiredo Cardoso, de S. Pedro da Cadeira (Tórres Vedras,) Aquino de Miranda, de Lisboa, e Augusto Borba, de Coimbra. São em número de 250 os doentes inscritos. Ha doentes de Lisboa, do Porto, de Ovar, S. Vicente da Beira, Gondomar, Valbom, etc. Os registos falam de paralisias, hémiplegias, mal de Pott, tuberculoses, cancro, cegueira...

É quasi meio-dia solar. Da capela das aparições põe-se em marcha a procissão com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima em direcção à capela das missas. Precedido das servitas e levado aos ombros de vicentinos, o andor avança por entre alas extensas de cruzados de Nun'Alvares. Um espectáculo sempre novo e sempre comovente se oferece mais uma vez à nossa vista.

O signo do Condestável, agitado pelo vento, parece querer envolver nas suas dobras a Imagem da Virgem. O Avê da Fátima rompe de todas as bocas, agitam-se milhares de lenços brancos, que semeiam pombas voando no espaço, e as palmas e os vivas estrugem vibrantes e repassados de entusiasmo religioso. Colocada junto do altar, do lado do Evangelho, a Imagem é ladeada, à guisa de guarda d'honra, por dois jovens e briosos officiaes do glorioso exército português.

Cantado o Credo, o venerando Prelado de Leiria celebra a missa oficial da peregrinação, durante a qual todos os fiéis rezam o terço em côro.

Já mais de sete mil pessoas receberam o Pão dos Anjos. Mas, apesar disso, ao Communio ainda muitos peregrinos se acercam da mesa encarística, emquanto se canta o «Santos Anjos e Arcanjos.»

São duas horas da tarde. O senhor D. José do Patrocínio Dias toma a custódia com o Santíssimo Sacramento para abençoar individualmente os doentes. O rev. do capelão dos servitas faz as invocações habituais, correspondidas com vivo entusiasmo pela numerosa assistência, que se eleva a mais de cento e cinquenta mil pessoas.

Daquella estância de oração e de sofrimento voltam-se para a Hóstia Santa olhos raios de lágrimas e braços estendidos em atitude de súplica e até ao Co-

ração do Rei de amor sobem preces fervorosas de almas torturadas por dores morais incomportáveis e por terríveis martírios físicos.

Por fim é dada a bênção geral, que a multidão dos fiéis ajoelhada recebe respeitosamente e em silêncio.

O senhor Bispo de Leiria, subindo ao púlpito, começa por agradecer a presença do representante do Chefe de Estado e a do Senhor Bispo de Beja. Em seguida refere-se à Cruzada Nacional Nun'Alvares e ao significado verdadeiramente nacional desta peregrinação. Alude depois à batalha de Aljubarrota e à tradição que diz ter o Condestável orado em Fátima a Nossa Senhora, no dia 13 de Agosto na sua passagem para o campo de batalha. Assim como o herói e santo veio a este logar pedir pela salvação da nossa querida Pátria, também nós devemos dizer hoje:

Senhora, salva Portugal!

Senhora, salva Portugal!

Concluindo o sermão, a Imagem de Nossa Senhora é reconduzida entre cânticos e aclamações para a capela das aparições pelos confrades de S. Vicente de Paulo. De boca em boca corre a noticia de novas curas prodigiosas operadas durante a bênção aos doentes. Entre a multidão vêem-se antigos miraculados. Merece especial referência D. Ana Alves de Moura, de 49 anos, miraculada de treze de Maio último, que sofria ha quatro anos duma hematemesa no estômago e que se sentiu desde esse dia inteiramente curada.

A primeira parte desta consagração nacional, desta magnifica jornada de Fé e patriotismo, está felizmente concluída.

A grande debandada — A missa solene na igreja da Batalha: sermão pelo Senhor Bispo de Beja — Homenagem aos soldados desconhecidos — O memento pelos 4.000 mortos em campanha — Os discursos na sala do Capitulo.

Pouco a pouco a multidão que enche a Cova da Iria vai-se dispersando e, ao cair da noite, aquele local bendito, assinalado por tantas maravilhas, está quasi completamente deserto. Uma grande parte dos romeiros dirigem-se para as povoações situadas a nordeste de Fátima afim de procurarem alojamentos. No dia seguinte realiza-se a segunda parte da grande romagem nacional promovida pela Cruzada Nun'Alvares, em que todos desejem tomar parte.

Efectivamente às onze horas do dia 14, sob as abóbadas da igreja monumental da Batalha, reúne-se o escol de Portugal crente e patriota.

O Senhor Bispo de Leiria sobe ao altar e celebra a missa em honra do Beato Nuno de Santa Maria.

Do lado do Evangelho estão o Senhor Bispo de Beja e outros dignatários eclesiásticos. Do lado da Epistola vêem-se o sr. coronel José Vicente de Freitas, Chefe do Governo, ladeado pelos srs. governadores civis de Santarém e Leiria. O illustre Presidente do Ministério, representa o senhor Presidente da República.

A Imagem do Santo Condestável ergue-se ao meio da capela-mór, dominando a scena com a espada desembainhada e a bandeira desfaldada.

Terminada a missa, sobe ao púlpito o senhor Bispo de Beja que profere um brilhante discurso patriótico.

Após essa cerimónia, na Sala do Capitulo, a pedido do venerando Prelado de Leiria, o Senhor Bispo de Beja diz palavras de saudade cristã para os mortos ignorados, cujos despojos ali repousam e que representam os 4.000 soldados portugueses que tombaram nos campos da batalha, em França e na Africa. Termina, rezando um Memento por alma dos soldados mortos em campanha. Falam ainda os srs. dr. Ferreira Deusdadi e tenente coronel Costa Veiga e a senhora D. Beatriz Arnaut, que resita com primor um lindo soneto da sua autoria.

O cortejo patriótico — Na capela de S. Jorge — Representação da Câmara de Pôrto de Mós — Glorificação da batalha de Aljubarrota — Apoteose ao Santo Condestavel.

Pela 1 hora da tarde, organizou-se um brilhante cortejo, em que foi reconduzida a Imagem do Beato Nuno para a capela de S. Jorge, que marca o logar onde estava a bandeira portuguesa durante a batalha de Aljubarrota.

À frente, a bandeira desfaldada ao vento. Logo após, o andor com a Imagem, conduzido por officiaes do exército e por escoteiros católicos.

Seguia de automovel o sr. Presidente do Ministério e a pé o sr. Bispo de Leiria, acompanhado do sr. dr. José Maria Rodrigues, director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Milhares de pessoas se incorporaram no cortejo. A chegada à capela, estrelejarão centenas de foguetes e tocou o hino nacional a banda de música de Pôrto de Mós.

A Câmara Municipal desta vila fez-se representar, com o seu estandarte.

O sr. dr. Joaquim Maria Torreira de Souza, presidente da Câmara de Pôrto de Mós, dirigiu uma saudação aos peregrinos da Fé e da Pátria, que ali iam homenagear o maior herói nacional.

O sr. dr. Gomes dos Santos referiu-se aos novos que devem levantar bem alto a bandeira do Santo Condestável e ás mães portuguesas, a quem cabe a missão de amparar seus filhos nesta cruzada patriótica.

O sr. dr. José Maria Rodrigues fez uma erudita preleção sobre a batalha de Aljubarrota, lendo a propósito alguns passos da crónica de Fernão Lopes e algumas estâncias dos Lusíadas.

O tenente-coronel sr. Cardoso dos Santos, comandante militar de Santarém, recitou primorosamente e com entusiasmo patriótico uma bela poesia, composta de propósito para esta solenidade sobre a batalha que se estava comemorando.

Por fim, falaram o sr. dr. Costa Lobo para agradecer, em nome da Cruzada Nun'Alvares, a todos quantos concorreram para o esplendor desta romagem e o venerando Prelado de Leiria, que se congratulou pela maneira brilhante como ela decorreu.

A estátua do Santo Condestável ficou na sua capela, cercada de luzes e de flores, e a multidão dispersou soltando vivas à Pátria, a S. Nuno e à união de todos os portugueses.

Quasi à mesma hora, em Lisboa, na presença das autoridades eclesiásticas, civis e militares, contingentes de todos os regimentos da guarnição desfilarão em continência perante as relíquias do Beato Nuno de Santa Maria, encerradas numa urna colocada sobre um andor à porta da igreja da Ordem Terceira do Carmo, emquanto as bandas regimentais executavam o hino nacional e os cornetins e clarins tocavam a marcha em continência.

Bem haja a Cruzada Nacional Nun'Alvares Pereira, que, promovendo esta jornada de Fé e de patriotismo à Fátima, à Batalha e a Aljubarrota, escreveu em letras de ouro uma das páginas mais brilhantes dos fastos gloriosos da história da sua vida associativa.

Que Nossa Senhora de Fátima e o Santo Condestável velem sempre por Portugal!

Visconde de Montelo

As curas de "FÁTIMA,"

Pleurisia purulenta

Fernanda Figueiredo Gouveia, de dezito anos, residente no Sanatório de Sant'Ana — Parêde (Linha de Cascaes.) em carta de 30 de Julho, informa:

«Tendo prometido publicar a graça da minha cura, no caso de a alcançar, venho hoje, cheia de gratidão, pedir a V. Rev. cia o favor de a inserir na 'Voz da Fátima.'

Tendo entrado para este Sanatório no dia 26 de Março de 1926, quasi a morrer, sofrendo de uma pleurisia purulenta comecei a ser aqui tratada; mas, apesar de todo o tratamento recebido, ia sempre peorando. Todas as tardes tinha

nheiras doentes, que sofriam de várias enfermidades. Começamos todas juntas uma novena a Nossa Senhora da Fátima, no dia 4 de Junho de 1927, resando um mistério do Rosário, continuando eu sempre com o mesmo curativo e, logo que comecei a novena, senti que melhorava; a febre era menos e os buracos iam fechando. Na véspera de dia em que acabava a novena, que fiz com toda a devoção, quando fui ao curativo de manhã, o tubo de borracha que me introduziam em geral no buraco de cima, e que eu conservava todo o dia até ao dia seguinte, teve muita dificuldade em entrar, e foi preciso fazer muita força para conseguir que entrasse só um bocadinho.



Fernanda Figueiredo Gouveia Polcarpo M. dos Santos Maria Ferreira Figueiredo Ismael Soares Silverio

febre alta (38.º e 39.º), e tinha de me deitar até ao dia seguinte. De manhã estava um pouco melhor, mas á tarde voltava sempre a febre. Tinha dois buracos abertos no peito, um mais acima e outro mais abaixo, que deitavam muito pú, tendo de ser curada duas, tres ou mesmo quatro vezes por dia.

Depois de cá estar, havia dois ou tres mezes, começaram a aplicar-me um remédio chamado Rivanol com o qual tive de parar por me aparecerem muitas manchas escuras nos pés. Assim estive durante um ano com os buracos abertos. Em geral, quando tinha um buraco aberto, fechava o outro, mas interiormente comunicavam um com o outro. Antes de vir para aqui tinha estado nove mezes no Hospital de Santa Marta sem tirar resultado algum. Quando para lá entrei não tinha os buracos abertos que estes abriam dois dias depois de eu lá estar. Vim depois para este Sanatório de Sant'Ana como já disse.

Dois meses antes de começar a novena que fiz a Nossa Senhora da Fátima, tornei a começar com o tratamento do Rivanol sem tirar resultado algum e tinha febre do mesmo modo. Entretanto não me apareceram manchas nos pés.

Um dia, uma empregada trouxe aqui para o Sanatório água de Nossa Senhora da Fátima, e uma das Irmãs aconselhou-me, (estando eu nessa ocasião na cama) que fizesse uma novena a Nossa Senhora da Fátima, bebendo a água e deitando-a também nos dois buracos abertos. Aconselhou o mesmo ás minhas compa-

No dia 12, dia em que acabava a novena, levantei-me como era de costume para ir ao curativo. O Ex.mo Sr. Dr. Director deste Sanatório, já tinha dito que eu não escapava e que morria, que fazia o curativo por fazer. Tendo portanto nesse dia 12 chegado ao curativo, tiraram-me as ligaduras, que não estavam molhadas, sendo costume estarem sempre encharcadas. O tubo de borracha que ficou metido no buraco superior, como já expliquei, dum dia para o outro, estava caído, fóra do buraco, e os dois buracos estavam fechados. Já nesse dia não fiz curativo, tirei as ligaduras, e assim tenho continuado até hoje. Desapareceu a febre e comecei logo a comer com vontade tendo até ali muito fastio. Os buracos nunca mais deitaram e estão completamente secos; conhecendo-se só as costuras. Foi-me concedida esta graça, que considero uma grande milagre, no dia 12 de Junho de 1927. Há portanto já um ano, e, graças a Deus e a Nossa Senhora da Fátima, cujo auxilio e protecção invoquei estou completamente bem e considero-me curada a ponto de já me ter sido dada alta. Devo voltar para junto de minha mãe no proximo domingo, dia 1 de Julho. Demorei bastante tempo em vir cumprir a minha promessa, não por falta de vontade da minha parte, mas porque me demoraram a escrever para dar parte desta graça, mas agora que estou para sair deste Sanatório estando persuadida de que estou plenamente curada, cheia de gratidão e reconhecimento para com Nossa Senhora da Fátima, ve-

nho, cumprir a minha promessa, publicando a graça tão assinalada que recebi.

Graças, muitas, graças sejam dadas a esta Mãe Bemdita que me alcançou tão grande favor do seu Divino Filho, favor que recordarei enquanto viver, e espero, com a graça de Deus, mostrar-lhe e a sua Mãe Santíssima, que é nossa Mãe também, o meu reconhecimento, com a santidade da minha vida e fiel cumprimento de todos os meus deveres.

Peço a V. Rev. cia a caridade de não me esquecer aos pés da Virgem Santíssima da Fátima e sobretudo no Santo Sacrifício da Missa, ajudando-me a dar as devidas acções de graça por tão grande benefício.

Policarpo Manuel dos Santos, morador na rua dos Cegos, 14 - 3.º Lisboa, em três extensos, minuciosos e interessantes relatórios, acompanhados de radiografias, conta as fizes de três graves doenças de que foi curado por intercessão de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

A extensão dos relatos e a pequenez do nosso jornal não nos dão margem a fazer a publicação na íntegra e por isso vamos resumir.

A primeira doença, em 1924, foi uma pleurisia purulenta a tal ponto grave que *aditava um mau cheiro* (diz o relatório) *pela boca, que era insuportável, principalmente quando escarrava, pois apesar de fortes desinfectantes, ninguém podia parar em casa.*

Depois de várias peripécias, entradas e saídas do hospital, consulta inútil de vários médicos, começou a melhorar; depois que ele e várias pessoas da família recorreram a Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

A segunda doença era produzida por dores horríveis dos ouvidos, durante alguns anos. Uma noite, em que as dores eram mais insuportáveis, lembrou-se sua esposa de recorrer a Nossa Senhora da Fátima e, depois de usar a água da Fátima e prometer uma novena, o doente adormeceu e ao acordar estava curado.

A terceira doença, de que foi curado já este ano, consistia em uma afeção do fígado, que resistia a todo o tratamento e causava dores horríveis. A última vez esteve neste estado deplorável, desde a madrugada de 2 de maio, até às 2 da madrugada do dia 4, hora em que sua mulher lhe declarou que estava curado por Nossa Senhora da Fátima.

Depois adormeceu e ficou admirado de, no dia seguinte, sua esposa o chamar à hora habitual para ir para o seu serviço, levando-lhe café e leite para beber, dizendo que agora o podia tomar porque estava curado. E' que o doente estava proibido pelo médico de beber aquele líquido e outros mais, assim como de usar de certas comidas, que agora, visto estar curado, já lhe não fazem mal.

Eczema-Paralisia

Maria Ferreira de Figueiredo, casada, de 53 anos de idade, residente na rua Alves Correia, n.º 163 - 4.º andar na cidade de Lisboa, que tinha sido acometida dum eczema que horrivelmente a torturou pelo longo espaço de quinze anos, comunica-nos:

«Procurando sempre nos melhores especialistas de Lisboa o tratamento para um tão grande sofrimento, que me não deixava repousar nem de noite nem de dia, todos os esforços foram inúteis.

Pois, com a máxima fé em Nossa Senhora da Fátima, pedi-lhe com toda a devoção que atendesse a minha súplica, permitindo a minha cura pelo muito que sofria.

Nossa Senhora ouviu as minhas súplicas e felizmente encontro-me completamente curada com a aplicação da água santa de Nossa Senhora da Fátima, que tinha em meu poder, desde que a minha fé me levou a visitar os lugares santos de Fátima, pela circunstância de meu marido ter sido acometido de uma doença muito grave em 1925. Sendo tratado por cinco medicos cada vez se definhava mais. Não deixando de implorar Nossa Senhora pelas suas melhoras, consegui um pouco de restabelecimento.

Resolvemos então ir a Fátima em agradecimento a Nossa Senhora e de passagem por Leiria, instei com meu marido para se confessar. Assistimos á oração do mês de Maria e obtive a resolução das minhas instâncias vendo-o confessar-se e comungar, o que não fazia havia trinta anos.

Não ha dúvida que foi a Santíssima Virgem que assim o quiz fazendo-me vêr as graças com que me beneficiava.

E para maior conhecimento do quanto tenho aproveitado com a minha ardente fé, outro caso tenho a mencionar para ser grata a Nossa Senhora:

Ha alguns meses fiz o pedido á Ex.ma Direção da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa para ali ser internada uma menina orfã por quem muito me interessava.

Em certo dia mandaram-me prevenir de que a creança se encontrava muito doente com uma paralisia. Fui imediatamente visita-la e estando presente o médico, este me declarou que a creança estava perdida sem remédio; e como fosse munida com a agua de Nossa Senhora da Fátima dei-lhe a beber um copo da mesma agua e a criança, passados alguns momentos, estava completamente curada. Vendo o médico este acontecimento, exclamou: «Que grande transformação!» não podendo ocultar a sua admiração por um tão grande milagre.

E' pois indispensavel que V. Ex. cia se digne mandar exarar isto em um cantinho da *Voz da Fatima* pelo que me declaro muito reconhecida.

Informe do Rev. do Paroco:

«Informe que o relato desta carta é verdadeiro porque se trata duma pessoa de toda a confiança. Esta minha paróquia é incapaz de mentir pois tem uma vida exemplar e frequente diariamente os sacramentos com piedade e devoção edificante. Por me ser pedido passo a presente informação que assino e juro in fide parochi.

Paroquial de S. José de Lisboa, 3 de agosto de 1928.

Prior José Baptista Alves Lyrio»

Febre tifoide

Daniel Henriques Silvério, escreve em 6 de Agosto:

«Tendo, na noite de 1 de Janeiro de 1927, adoecido o meu filho **Ismael Soares Silvério**, de 15 anos de idade, morador em Lisboa, na Rua de São Pedro, n.º 34, chamei dois médicos, que me aconselharam a que o levasse ao hospital de São José, por a doença se tornar suspeita. Conduzido ao hospital, ali permaneceu durante seis dias, sem que fossem notadas quaisquer melhoras, tornando-se a doença cada vez mais complicada.

Os médicos assistentes considerando o doente irremediavelmente perdido (do que me foi dado conhecimento) e porisso resolvi retirá-lo do hospital e conduzi-lo para casa com o fim de que o meu filho acabasse os seus dias no seio da família. Uma vez em casa, mandei chamar outros médicos, que foram de igual opinião, e, entre eles, o Sr. Dr. Formozinho Sanches, que o tratou como se a doença fosse febre tifoide, mas o estado do doente mantinha-se.

Profundamente magoados com as informações de que o meu filho não teria mais que horas de vida, resolvi juntamente com a minha família, recorrer á Virgem, Mãe dos Aflitos, Nossa Senhora do Rosário da Fátima, e as melhoras não se fizeram esperar. Em breves dias, com grande surpresa do dr. era pelo mesmo senhor considerado livre de perigo. Entrando no período de convalescença, pouco tempo demorou que não estivesse completamente curado da terrível doença que o acometeu.

Regosijada a familia com o milagre que a Virgem Mãe acabava de fazer, pois só por um milagre podia o meu filho ser restituído á vida, é meu desejo que esta cura seja publicada na *Voz da Fátima.*»

ATESTADO

José Teodoro dos Santos Formozinho Sanches, medico pela Faculdade de Medicina de Lisboa.

Declaro que em janeiro do corrente ano fui chamado para o doente Ismael Soares Silvério, de 15 anos de idade, morador na rua de S. Pedro n.º 34. Tinha este doente sido tirado, pela familia, do Hospital de S. José, em virtude de os médicos haverem declarado que ele se encontrava absolutamente perdido e se desejar que ele falecesse em casa. De facto observei o doente que julguei absolutamente perdido, mas a quem prescrevi um tratamento. Qual não foi o meu espanto quando, passados dias, o doente começou a melhorar sensivelmente a ponto de uns doze dias depois, eu o poder considerar livre de perigo. Devo declarar mais que o meu diagnóstico foi de uma febre tifoide e o tratamento aplicado o usual e já no Hospital empregado pelos meus Colegas.

Por ser verdade, e me ser pedido pe-

la familia, passò este que assino sob minha palavra de honra.

Lisboa, 24 de Março de 1927.

(a) José Theodoro dos Santos Formozinho Sanches.

(Segue o reconhecimento).

Várias

Maria das Dores Tavares de Souza, de Pardêlhas (Murtosa) envia o seguinte relato:—

«Em junho de 1924 completei 55 anos. Terminado o jantar, combinámos ir até á praça desta localidade, tomar um pouco de ar. E assim foi. Eu levava ao colo uma netinha de 2 anos que, cheia de vida, pediu para a pôr no chão. Acedi. Apareceram, então, dois cães de raça, a brincar; e a pequenita, achando graça, foi ao encontro deles, e todos brincaram durante algum tempo. De subito, um dos animais, sem que eu tivesse podido evitá-lo, mordeu o anjinho, fazendo-o chorar, o que me inquietou de véras.

Retirei-o rapidamente; e aos cães, saududos, com uma das mãos, que um deles, talvez porque o tivesse magoado—pensei—mordeu fortemente, fazendo-me sangue. Lavei-me ao chegar a casa e não mais pensei no caso.

No dia 8 do mesmo mez, começaram a dizer, com grande alvoroço, que o cão que nos havia mordido estava danado, em virtude do que fomos ao Porto, ao Instituto, ordenando o respectivo medico que recebessemos logo ali o primeiro tratamento. Mas,—Santo Deus!—eis que começa, para mim, um verdadeiro calvario perante o estado da minha linda neta! Com febre desde o primeiro dia até ao ultimo! Não tomava alimento e não dormia, nem me deixava dormir.

O calor, pois estávamos em pleno verão, era intenso, e o sofrimento de nós ambas, doloroso! Não houve médico a quem não recorressemos.

Quantas vezes eu julguei ter em meus braços um cadáver!...

Um dia, desanimada e já sem esperança, recorri a uma amiga minha, para que me desse um bocadinho de agua de Nossa Senhora de Fátima. Com aquela fé que todas nós, almas católicas, temos quando invocamos o nome da Mãe de Deus, prometi relatar o milagre da completa cura de minha adorada neta!

Bebendo apenas agua por alimento, ao terceiro dia da minha novena á Virgem Mãe dos pecadores, começou aquele anjo a dormir e a alimentar-se!

Eu não morreria satisfeita se não divulgasse este facto nas colunas do piedoso jornal de Fátima, onde hei de ir, se Deus quizer, com a miraculada menina que a Virgem chamou á vida. Ela está linda! Chamase. Maria Aurora Lóna Peres e é natural de Estarreja, onde escrevo este pequenino relato, aos 2 de Novembro de 1927.»

Dr. José de Matos Graça, medico de Barcelos.

Acometido de congestão pulmonar, nos dois pulmões, chegou a inspirar cuidados á familia e aos seus amigos.

Uma sua irmã, Religiosa, recorreu a Nossa Senhora de Fatma, bem como outras pessoas dedicadas ao doente e todos viram croadas de bom exito as suas supplicas, pois o doente curou-se completamente, o que foi motivo de grande alegria para a familia e para todas as pessoas que pediram por ele a Nossa Senhora de Fatima. Por isso, todos humildemente prostrados aos pés da SS.ma Virgem, agradecem tão grande graça.

Maria do Nascimento Moreira, natural de Nogueira do Cravo—Oliveira do Hospital—, atualmente residente na rua do Possolo, 22—Lisboa, tendo sofrido um tollimento geral numa perna, consultou varios medicos sem que do seu tratamento tivesse tirado o menor resultado.

Vendo que o mal se agravava e sem esperanças de melhoras, recorreu á protecção de Nossa Senhora do Rosario da Fátima, fazendo-lhe o voto de pedir esmolas para a compra de uma imagem que seria colocada na Igreja paroquial da sua terra natal.

Logo em seguida á promessa começou a banhar a perna com a água de Fátima e a sentir grandes melhoras que dia a dia se iam manifestando.

Atualmente julga-se completamente curada.

Já cumpriu o voto e conta em Maio proximo ir agradecer pessoalmente a Nossa Senhora da Fátima a graça recebida e levar-lhe uma esmola.

Voz da Fátima

Despeza

Transporte	115.903\$56
Papel, composição e impressão do n.º 71 (49.500 exemplares)	2.965\$00
Selos, embalagem, transportes, gravuras, etc.	1.056\$22
	119.924\$78

Subscrição

(Outubro de 1927)

Enviaram dez escudos: Maria Seabra da Camara, Emilia Friães, Dr. Jeronimo Sampaio, Elvira Augusta Marques de Castro Corte Real (12\$50), Rosa da Silva Pais (5\$00), Antonio Farinha Gomes, Rosa Ferreira de Sena, Dores de Fraga Gomes, Maria da Conceição Costa Coelho, P.e Joaquim Lopes Praça (30\$00), Ana d'Oliveira, Antonio Luiz da Conceição, Maria Amelia Pizarro, Uma Anonima de Agueda (50\$00), P.e José Martins Duarte Junior, Isaura de Moraes Areias, Joaquim Augusto Coimbra, Antonio de Sousa, João Francisco Angelo, Izabel d'Almeida Costa Pereira (20\$00), Eliza dos Prazeres Ribeiro de Melo Cabral, Amelia Ribeiro d'Abranches Pinto, Maria Amelia do Amaral Abranches Pinto Cabral, Maria Delfina Veloso d'Albuquerque Damião, Emilia Rodrigues de Souza, Nicolau Alberto Ferreira d'Almeida, Candida Mota de Jesus, Maria Augusta Leite Ribeiro, Maria Luiza Nunes (20\$00), Maria Alice Reimão, Filomena Augusta Pinto Dias, Maria Luiza d'Almeida (15\$00), Antonio Miranda d'Azevedo (20\$00), P.e José Ribeiro Figueiredo Couto, Maria Clementina da Silva Carvalho Santos, José dos Santos Lima, Antonia Carneiro Varela, Cristina Furtado Guerreiro, Margarida de Sacadura Botte, Joaquina Preto Chagas, Maria da Conceição Falcão, Julia d'Almeida, Manuel José de Magalhães, Maria Rita Pereira Cunha (20\$00), Maria da Piedade Almeida, Joana Emilia de Taure Viegas (15\$00), P.e Antonio Gomes S. Miguel, João Clemente dos Anjos, Jose Casimiro, Madaglena Alves Camejo, Berta Calado Parente, Deolinda Amelia Lacerda, Rosa Nogueira de Castro, Eliza Guedes Macheiro, Maria Izabel Carneiro, Ana Marques Ferreira, Antonio Dias Monteiro, Maria José Lopes, Antonio Lucas Vicente, Antonio Anselmo Fernandes, P.e Fernandes Silveira, P.e Antonio Candido do Avelar, Elvira Malheiro Marinha Falcão, Amelia Maria de Torres Santos (25\$00), Maria Ribeiro da Silva (20\$00), Condessa de Margaride (15\$00), Joaquim Duarte de Oliveira 50\$00), Aurora Martins Candido, José Pedro dos Santos, Guilhermina Onofre, Artur Fernandes Barreto, Maria de Lourdes Caiano, Amadeu Simões (15\$00), Silvio Lucas da Silva, (15\$00) Maria da Conceição Simões (15\$00) Amadeu Paulino Rolim (15\$00) Maria das Dôres Franco, Dr. Carlos Galvão, Joaquim Duarte Resina, Henrique José Alves, Domingos Victoriano Alcantara, P.e Amadeu Pereira Cardoso, Bernardino d'Almeida Oliveira, Iria de Jesus Moreira, José Gomes da Fonseca (30\$00, Julio Dias F. Coimbra, Antonia de Jesus, José Ferreira Pinto, Agueda Rosa, Ana da Conceição Souza, Maria do Carmo Vieira, Maria da Conceição Ferreira, Dr. João de Sacadura Corte Real, Flausino Correia Torres, João Manuel Gouveia, João Paulo, Safira Bissau dos Santos Pereira, Maria M. dos Remedios (20\$00), Maria da Gloria Albano Santos, Margarida das Dores Pinto, Maria Adelaide Antunes, Antonio Damião de Souza Neto, Irene da Purificação da Cruz Rocha, Maria Luiza Dias, Antonio da Costa Pé Leve, Laura Teixeira Correia Branco, (20\$00), Maria Joana Patricio (20\$00), Antonia Curado (20\$00), Maria Filomena Ribeiro Falcão (20\$00), Manuel Lourenço dos Santos, Gloria da Conceição Ferreira, Manuel Gonçalves Viana, Maria da Piedade de Carvalho—De jornaes e donativos varios: Abade de Esmoriz, 50\$00; José Rodrigues da Costa, 60\$00; Olga Nunes Pereira, 30\$00; Maria José Ferreira Paulino, 100\$00; Maria das Dores Tavares de Souza, 102\$00; P.e Manuel Marinho, 100\$00; Joaquim Carvalho, 60\$00; Luciano d'Almeida Monteiro, 131\$00; Manuel Alves Matias, 30\$00; Beatriz da Costa Valente, 100\$00; Joaquina da Conceição Duarte, 122\$650; Josefa de Jesus, 21\$00; P.e David Fernandes Coelho, 75\$00; D. Maria Pedrosa Matias Fer-

reira, 111\$40; Virginia Lopes, 50\$00; Adelor J. Silva, 105\$00; Gertrudes do Carmo Pinto, 22\$50; Zulmira Galhardo, 43\$20; Luciano Leandro Pires, 22\$00; Joaquina Duarte de Oliveira, 50\$00; Maria Carolina Caetana, 131\$30; P.e Antonio Ferreira da Silva Duarte, 40\$00; Maria Matilde Cunha Xavier, 17\$65; Na igreja de Cezimbra, 23\$10; João Germano de Matos, 50\$00; Joaquim Tavares Machado, 50\$00

O assassino do próprio filho

Havia já uma boa hora que acabara de jantar e depois duma volta pela quinta voltara de novo ao grande jardim que servia de ninho á elegante casa de campo.

Em volta uma verdadeira mata de acacias, cedros, platanos e algumas araucarias faziam-lhe o fundo rasgado aqui e alem em grandes manchas de azul celeste; por baixo mil e uma especies o variedades das mais lindas plantas pujantes de vida e beleza lhe atapetavam o solo não fosse a vista ferir-se-lhe na terra arida e nua.

Um pouco daquele cansaço que acompanhava a digestão obrigou-o a sentar-se.

A um canto do jardim serpejava e erguia-se emfim sobre o proprio caule uma velha glicinia plantada pelas mãos fidalgas de sua avó, ainda creança.

Mas, alquebrada pelos anos e pela intemperie, arqueava-se, de velha, formando a certa altura um lindo docel que pelo verde palido das suas folhas convidava insistentemente a refugiar-se dos ardores do sol.

Foi ali que se sentou o senhor da Casa da Portela depois de por um creado ter mandado vir o correio do dia.

De olhos semi-abertos foi passando a vista por varios titulos de muitos jornais das mais variadas cores até que o torpor reinou como despota.

Foi assim que o encontrou um velho amigo de infancia a quem já não via ha muitos anos.

Abraços um mútuo olhar prescrutador depois a inevitavel conversa sobre os rapazes de outrora — hoje homens como eles...

E foram passando ali em revista como numa fita de animatografo as principais figuras contemporaneas.

Quasi a terminar a visita, intencionalmente:

— Então tu sempre o mesmo?

— Sempre o mesmo como vés.

— O mesmo... o mesmo não.

— Porquê? Ora essa...

— Quando me daqui fui (já lá vão bons 25 anos) deixei-te crente, um daqueles de quem se dizia com verdade que eram católicos de antes quebrar que torcer.

— E' boa! E' hoje?

— Hoje, meu caro Francisco, hoje?... Não!

Dum salto Francisco Ginó aprumou-se como a pedir a prova da afirmação feita.

João Henriques sem se desconcertar continúa.

— Desculpa que te fale assim com toda a sinceridade mas a isso me convidava até o frescor do teu jardim em ingénuas palpitações de amor.

E' o amigo, crê, que assim te fala.

Quem não ama, embrulha, encobre, adula.

O amigo que em publico cuidadosa, carinhosamente tapou as chagas descobertas, para as curar, no tu-a-tu da intimidade.

— Queres tu então manter o que diseste, sustentar que em religião me não encontras como me deixaste?

Eu explico te assim o queres.

— Antes das tuas explicações fica sabendo que concorro generosamente para todos os peditórios, tomo parte em todas as festas, auxilio o Seminário, esforço-me emfim por ser em tudo um católico ás direitas.

— Em tudo?...

— Sim! Em tudo. Francamente nunca esperava de ti semelhante censura. Mas... explica lá agora a tua afirmação. Fundamenta-a, se podes, como eu fundamentei a minha.

Nisto ao menos herdo o espirito dos fidalgos da Casa da Portela. Não é de coisas feitas no ar que eu gosto senão das bem alicerçadas.

— Está bem, Chico, não vale ganhar calor.

A propósito tens aqui um monte de jornais.

Mandam-tos de graça... em homenagem...

— Estás a brincar. Isso é um sorvedouro de dinheiro. Nem sei quantos centos de mil réis para aí vão. Mas também não me importo: dou o dinheiro mesmo sem conto. A gente tem de os ajudar a todos.

— Com que então paga-os todos... todos.

— Todos!

— Ainda é uma boa mesada, ainda.

— Ah! E', é.

— E que belo auxilio eles não teem de ti!

— Sem dúvida. Tanto mais que eu costumava pagar sempre adeantado.

— Mas que jornal é este? (pegando num dos jornais de maior circulação e menos vergonha).

— Ah tu comprehendes que a gente precisa de saber as noticias, de se informar sobre mil e uma coisas mesmo da vida mundana, coisas que só a imprensa nos faz chegar aqui.

E nisto a nossa imprensa, a imprensa católica deixa muito a desejar.

— E tu comprehendes a função, a importancia da imprensa na sociedade moderna?

— Para mim é dela que depende o futuro.

A imprensa é o que é a sociedade.

Amanhã a sociedade será o que a imprensa quizer. E' uma arma tremenda.

— E então tu vais dar o teu dinheiro, o teu auxilio a essa imprensa impia, deschristianisadora que a cada passo insulta, despreza e ataca o que temos de mais caro?

Então tu vais pôr o teu braço ao serviço dessa imprensa contra o teu Deus, a tua fé, a tua consciencia?

E queres que te chame católico se assim combates o catolicismo?

E queres que te ache na mesma quando tu te puzeste do lado de lá?

Ah, meu caro Chico, ou se é católico em tudo ou em nada.

Deus não admite partilhas da alma e do coração.

Ou lho damos ou lho tiramos todo inteiro.

Mas tu és amigo... não me levas a mal esta liberdade... de amigo.

De resto mal nos vai se não tornamos a falar.

Hoje has-de reconhecer que a leitura da imprensa má ou simplesmente indifferente te é gravemente prejudicial e o pode ser para a tua familia ou para quem quer que tenha á mão semelhantes publicações.

João Henriques deixava o fidalgo da Casa da Portela depois de affectuoso aperto de mão.

Mas aquele aperto de mão não era ainda o simbolo duma comum maneira de sentir.

Lá no fundo o fidalgo ficava sempre na sua: a imprensa indifferente e mesmo a má não faz mal desde que haja cuidado.

A' saída o porteiro que ouvira quasi toda a conversa diz-lhe baixinho:

— «Olhe senhor! O senhor é que tem razão.

Foram aqueles jornais maus que para ali veem que estragaram o Quinzinho. Foi ele mesmo que mo disse ha dias. Ia busca-los e lia-os sem o pai saber e tanta coisa leu que perdeu a fé a religião e... a vergonha.

Coitado! O Pai nem o sabe mas... é verdade.

João Henriques saiu pensando na triste realidade da influencia da imprensa má e no peccado que cometem os que desprezando a imprensa católica assinam, louvam, lêem e ajudam a má imprensa. São traidores a apunhalar as almas e a Igreja sua Mãe.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	2.147\$55
Dr. Manuel José Ferreira ...	40\$00
	2.187\$55

O SACERDOTE

Respeito que lhe devem os fiéis e que ele se deve a si mesmo

E' o santo Cura d'Arts quem fala: «O sacramento da Ordem que parece não se referir a nenhum de vós, interessa afinal a todo o mundo.

Este sacramento eleva o homem até Deus.

O que é o sacerdote? Um homem que tem o logar de Deus, um homem que está revestido de todos os poderes de Deus.

«Ide, diz Nosso Senhor ao sacerdote. Como o meu Pai me enviou, assim eu vos envio... Todo o poder me foi dado no Céu e na terra. Ide, pois, e ensinai todas as nações...

Quem vos ouve é como se me ouvisse a mim; aquele que vos despreza, a mim despreza.»

Quando o sacerdote perdoa os peccados não diz: «Deus vos perdoa», mas diz: «eu te absolvo».

A' Consagração não diz: «este é o corpo de Nosso Senhor» mas «este é o meu corpo».

S. Bernardo diz que tudo nos veio por Maria e nós podemos também dizer que tudo nos vem pelo sacerdote: sim, todas as venturas, todas as graças, todos os dons celestes.

Se não tivéssemos o Sacramento da Ordem não teríamos a Nosso Senhor.

E quem foi que o poz ali, naquele tabernaculo?

O sacerdote.

Quem recebeu a vossa alma á entrada na vida? O sacerdote.

Quem a alimentou para lhe dar a força de fazer a sua peregrinação? O sacerdote.

Quem a preparará para comparecer deante de Deus, lavando esta alma pela primeira vez no sangue de Jesus Cristo? O sacerdote, sempre o sacerdote.

E se esta alma vem a morrer quem a ressuscitará? Quem lhe dará a calma e a paz?

Ainda o sacerdote.

Não podeis recordar nem um só beneficio de Deus, sem encontrar, ao lado dessa lembrança, a imagem do sacerdote.

Ide-vos confessar á Santíssima Virgem ou a um Anjo: poderão eles absolver-vos? Não podem. Podem eles dar-vos o corpo e o sangue de Nosso Senhor? Não.

A Santíssima Virgem não pode fazer descer o seu divino Filho para a hostia e ainda que tivésseis ahí duzentos Anjos, não poderiam absolver-vos.

Um sacerdote, por mais humilde que seja pode dizer-vos: «e vós perdão, ide em paz.»

Oh! Como o sacerdote é alguma coisa de grande!

O sacerdote não se compreenderá bem senão no Céu...

Se se comprehendesse sobre a terra, morrer-se-ia não de medo mas de... amor.

Os outros beneficios de Deus não nos serviriam de nada sem o sacerdote.

De que vos serviria uma casa cheia de ouro se não houvesse quem vos abrisse a porta? O sacerdote tem a chave dos tesouros celestes: é ele que abre a porta. E' ele o economo de Deus, o administrador dos seus bens.

Sem o sacerdote, a morte e paixão de Nosso Senhor não serviriam de nada.

Vêde os povos selvagens: de que lhes tem servido que Nosso Senhor tivesse morrido? Ah! não poderão ter parte no beneficio da redenção enquanto não tiverem sacerdotes que lhes façam a applicação do seu sangue.

O sacerdote não é sacerdote para ele. Não se dá a absolvição a si mesmo, não se administra os sacramentos. Não é para ele, existe para vós.

Depois de Deus, o sacerdote é tudo!... Deixai uma parquia vinte anos sem sacerdote e o povo adorará os animais.

Se eu e os outros sacerdotes nos fosseis daqui, vós diríeis: «que fazer agora nesta igreja? Já não há Missa, Nosso Senhor já lá não está, vale o mesmo que a propria casa...»

Quando se quere destruir a religião começa-se por atacar o sacerdote, porque onde o não houver, não há Sacrificio e onde não houver Sacrificio não há religião.

Quando o sino vos chama á igreja e vos perguntarem: «onde ides» podeis responder: «vou alimentar a minha alma.»

Se, mostrando o Sacrario, insistirem:

«o que está por detraz desta porta dou-rada?» E' a dispensa da minha alma.

E quem é que tem a chave, quem faz as provisões, quem prepara o festim, quem serve á mesa? — «Os sacerdotes».

E o alimento? «E' o precioso Corpo e Sangue de Nosso Senhor.»

Vêde agora o poder do sacerdote! A sua lingua, dum bocado de pão faz um Deus! E' mais que crear o mundo.

Se eu encontrasse um sacerdote e um anjo, saudaria primeiro o sacerdote que o anjo. Este é amigo de Deus mas o sacerdote faz as suas vezes.

Quando virdes um sacerdote deveis dizer: «Ali está quem me tornou filho de Deus e me abriu o Céu pelo santo baptismo, quem me tem purificado dos meus peccados, quem tem dado alimento á minha alma...»

A' vista duma igreja podeis dizer: «O que está lá?» — O corpo de Nosso Senhor. E porque está lá? «Porque um sacerdote passou por lá e celebrou a santa Missa».

Que alegria não teriam os Apostolos depois da ressurreição de Nosso Senhor de voltar a ver o Mestre que eles tanto tinham amado!

O sacerdote deve ter a mesma alegria vendo Nosso Senhor que ele tem nas suas mãos...

O sacerdocio é o amor do Coração de Jesus.

Quando virdes o sacerdote, pensai em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Como Jesus quer ser amado

Jesus Cristo é amado com este amor vencedor que leva a alma a todos os sacrificios, com este amor incomparavel que faz empalidecer todos os amores.

Se duvidais, ide bater, por exemplo, á porta d'um mosteiro de Carmelitas, cuja clausura nos arripia e irrita. Perguntai a esta jovem porque é que, na idade da juventude e das ilusões, ela abandonou tudo para se esconder atraz dessas grades impenetráveis e dentro d'aquelles vestidos tão grosseiros.

Ela vos responderá: *amo Christum*. Eis ahí o amor a Jesus Cristo, e tão forte que produziu a virgem cristã, a irmã da caridade, a irmãzinha dos pobres. Fez o apostolo e o martyr. Tomou o homem com toda a sua fraqueza e o coroou com o triplice diadema da virgindade, do martirio e do apostolado, e o levou aos cimos mais divinos do amor.

Faz mais ainda, pois que sofrer e morrer não é ainda o cumulo do sacrificio. O cumulo é vêr morrer os que amamos.

E tem-se visto isto! Ha mães que teem amado Jesus até este ponto, até ao sacrificio de seus filhos, Jesus Cristo quiz pedir-lhos e obteve-os. Sim, mal ele tinha morrido já as mães cristãs, tomavam os seus filhos e colocando-os sobre os joelhos lhes diziam: «Meu filho, eu preferia vêr-te morto a vêr trahir a Jesus Cristo».

Acompanhavam seus filhos deante dos juizes, e ali, ao pé do cadafalso, exaltavam o seu entusiasmo e se temiam que eles viriam mostrar-se fracos, lhes diziam: Meu filho, lembra-te que eu te trouxe no meu seio e te alimentei com o meu leite; por piedade para com tua mãe, não negues nem atrações a Jesus Cristo.

O que uma mulher, uma mãe deve sofrer em tal momento e o que sofreu uma Felicidade, uma Symphorosa e tantas outras, não ha palavras que o possam contar. Sente-se apenas que para recompensar tais sacrificios não parecia excessiva uma eternidade de felicidade com seus filhos nos braços.

PEDIDO

As pessoas que receberem a «VOZ DA FÁTIMA» em duplicado, pedimos o favor de desenvolver uma pondo por fóra — Duplicado — É o meio de sabermos o respectivo número.